

Editorial

INDIFERENÇA E ALIENAÇÃO

Este tema já foi tratado anteriormente neste espaço. Voltamos a ele pela ocorrência de novos fatos e pela conversa que mantivemos com vários professores por ocasião da solenidade comemorativa dos 10 anos da nossa Academia.

Depois desse encontro, tivemos conhecimento de que um usuário da Biblioteca Pública do município, que leva o nome de Ozimo de Carvalho, teve a curiosidade de perguntar, naquele recinto, quem era Ozimo de Carvalho. Para sua surpresa, a funcionária da biblioteca não soube lhe informar.

Esse incidente é apenas uma amostra da comprovação de que nossos esforços para elevação de nível de conhecimentos e informação dos jovens, professores e leitores da cidade de Viana não tem obtido êxito. Em vários exemplares do nosso jornal já divulgamos a biografia e comentários sobre Ozimo de Carvalho. Reiteradamente temos destacado nossos intelectuais, nossas figuras literárias do presente e do passado. Não é possível que esse esforço seja em vão ou não esteja sendo aproveitado.

Em certo momento, ficamos satisfeitos ao constatar o interesse de várias professoras e professores por nossas iniciativas e colhemos a promessa de receber deles maior participação nesses projetos. Entretanto, até o momento, não recebemos uma reivindicação, uma crítica, uma contribuição que denotasse a intenção que almejamos ter com a comunidade. Parece que estamos semeando num deserto, tendo a infertilidade do solo e o silêncio como desestímulos.

Não há preocupação da administração municipal com a disseminação da cultura na cidade. A juventude cresce alienada, sem investir no seu futuro, sem saber sua história e conhecer sua literatura.

Os professores, a despeito do irrisório salário que recebem, devem buscar estímulo para suas atividades, tentando despertar nos alunos a ansiedade necessária para a busca de novos conhecimentos.

Em tempo de campanha eleitoral, seria louvável que os candidatos apresentassem um programa cultural que correspondesse às nossas tradições, para tentar sacudir o marasmo da população, principalmente da classe estudantil. Qualquer proposta séria de desenvolvimento passa pela educação, educação com qualidade, que contribua efetivamente para o progresso e o bem da coletividade.

CASA DE D. ARCÂNGELA MUNIZ

LUIZALEXANDRE



Originalmente eram duas pequenas casas geminadas, do tipo porta e janela, localizadas no lado esquerdo da Praça da Matriz. Desde a década de 50, em uma delas vivia o casal Domingos e Arcângela Muniz com seus oito filhos. Anos mais tarde, a família adquiriu a casa vizinha, a fim de transformá-las numa única e mais ampla residência.

Depois do falecimento do Seu Domingos, ocorrido em 2003, o

filho mais novo (que herdou o mesmo nome do pai) indenizou os demais irmãos e fez uma restauração completa do imóvel, tendo o cuidado, porém, de conservar sua fachada colonial em harmonia com o passado da cidade. Até o poço do antigo quintal foi preservado, embora hoje se encontre dentro da casa em virtude da reforma que estendeu os limites originais dos cômodos internos.

É aqui que ainda reside a

matriarca da família, D. Arcângela Lindoso Muniz, atualmente com 87 anos, e uma das moradoras mais antigas da Praça da Matriz.

O dono do imóvel, Domingos José Lindoso Muniz, é advogado e reside em Brasília, mas mesmo distante presta sua contribuição à preservação do patrimônio arquitetônico local, ao contrário de muitos outros vianenses também proprietários de imóveis antigos na cidade.

LANÇAMENTO

No Palco da Escola – Textos Teatrais é o título do livro, lançado por Elves Franco, que objetiva incentivar os educadores a utilizarem o universo teatral como ferramenta lúdica de educação e espaço ideal para a manifestação dos sentimentos e anseios do aluno, sob qualquer forma de expressão.

A obra, que recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Viana, Escola Viva Vida e do Instituto Divina Pastora, reúne uma coletânea de textos que abrangem os mais variados temas como amizade, respeito, bullying e questões ambientais. O livro ainda oferece opções de cenários e figurinos para facilitar a montagem do espetáculo no palco da escola.

Realizado na Casa da Cultura de Viana, na noite de 7 de julho último, o lançamento reuniu grande número de convidados,



Elves Franco autografa seu trabalho para o médico Edvaldo Amorim

entre familiares, amigos e admiradores do jovem escritor. Para quem estiver interes-

sado, o livro pode ser adquirido pelo telefone (98) 8868 7881 ao preço de R\$15,00.

RETRATO DO CAOS



FOTO: GERALDO COSTA



Enquanto alguns poucos tentam preservar a fisionomia colonial de Viana, como é o caso da família Lindoso Muniz, mostrado na 1ª página deste jornal, muitos outros se omitem ou ignoram completamente a questão, quando não agem de forma afrontosa.

Na mesma Praça da Matriz, enquanto de um lado presencia-se o rápido arruinamento de um sobrado de grande significado para a memória vianense (foto ao lado), do outro acelera-se a construção de uma casa de três pavimentos em total desrespeito ao aspecto histórico da praça, marco inicial de fundação da cidade.

É lastimável que a própria população local

não tenha consciência da importância de sermos a 4ª cidade mais antiga do Maranhão e por isso mesmo uma das quatro cidades interioranas tombadas pelo Estado. Infelizmente, também nunca tivemos um prefeito ou mesmo uma Câmara de Vereadores preocupados com a preservação do aspecto histórico de Viana. Certamente por isso, vamos perdendo cada vez mais os testemunhos arquitetônicos desse passado glorioso.

Oxalá, nas próximas eleições, pela providência divina, possa surgir um novo administrador ou uma Câmara Municipal renovada que tenha consciência e sensibilidade com o tema, antes que tudo se acabe.

Festa do Bode

Na contramão da cultura vianense, festa caricata e de mau gosto tenta se imiscuir no calendário da cidade

José Ribamar D'Oliveira Costa Junior

Parecia que começava mais um dia de sábado de Aleluia em Viana com a presença dos tradicionais Judas dependurados em alguns postes da cidade, satirizando pessoas folclóricas e/ou políticos desavergonhados. Eis que pouco antes das sete da manhã, a cidade inteira foi despertada pelo som ensurdecedor de um carro volante, convidando o povo em geral para a "Festa do Bode" a ser realizada naquela noite no Grêmio, o clube mais tradicional da cidade.

Para os mais eruditos, ao se falar em "Festa do Bode" logo vem à mente a obra do célebre escritor peruano Mário Vargas Llosa (ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 2010), cujo enredo aborda questões sociopolíticas da América Latina. Lamentavelmente, essa festa pagã realizada em Viana em plena Páscoa nada tem de social e muito menos cultural, mas, na verdade, representa uma depuração de tudo isso. Anunciada com estardalhaço, a festa tinha como centro das atenções um bode de verdade. E, pasmem! Como forma de atração do público, um inusitado concurso onde o vencedor seria aquele que desse o beijo mais longo nos beijos do animal. O prêmio, para o autor da façanha, seria uma grade de cerveja e o direito de levar para casa o infeliz quadrúpede.

Como se não bastasse o despautério decorrente do barulho ensurdecedor daquele anúncio no alvorecer do dia, num verdadeiro acinte à lei do silêncio (que, diga-se de passagem, em Viana parece não se respeitar), essa festa do bode nada acrescenta à nossa cultura, mas, ao contrário, da forma como aqui se apresenta é deprimente e não se amolda aos níveis de civilidade humana na pós-modernidade.

Pelo que se sabe, a festa do bode surgiu lá pelas bandas da Paraíba, em pleno cariri nordestino, onde esse animal, por suas características peculiares, conseguiu adaptar-se a ponto de se tornar fonte de renda para uma região castigada por secas

prolongadas. E o objetivo, ali, é o de congregar e incentivar todos os agentes produtivos da cadeia da caprinovinocultura nordestina. Portanto, nada a ver com Viana, cidade anualmente inundada pelo transbordamento de seus rios e lagos, cujos campos inundáveis favorecem a bovinocultura. Não é por acaso que o bumba-meu-boi figura como expoente máximo do folclore vianense. Além disso, é frontalmente desrespeitoso a uma cidade histórica e dona de vasta cultura, construída ao longo de quase três séculos, tentar-se impingir à população manifestações completamente estranhas ao seu contexto.

Viana, que já deu filhos e filhas ilustres na literatura e na música, alguns com destaque nacional e mesmo internacional, a exemplo da saudosa musicista e folclorista Dilú Mello, merece maior respeito por parte das gerações atuais. Assim, em lugar de importar ou tentar impor costumes grotescos que nada têm a ver com suas raízes e ainda pecam pela vulgaridade, deve-se trabalhar pelo resgate das festas mais tradicionais de Viana, a fim de se preservar-se a verdadeira identidade vianense.

A propósito, ressalte-se aqui o retorno da "Festa de Reis", esquecida por muitos anos, mas que aos poucos vem reconquistando seu lugar no cenário cultural da cidade, graças à iniciativa de Maria Prego e Das Neves, duas defensoras das tradições natalinas da terra. Também graças aos esforços do conhecido Zé de Betrone, o "Passa Fogo no Boi" cada vez arrasta mais entusiastas e se consagra como evento máximo das festas juninas de Viana. O baile de São Gonçalo, felizmente, nunca foi esquecido e continua inserido nas tradições locais. No entanto, existem outras manifestações culturais extintas ou em via de extinção, como a Festa do Divino e o Tambor de Mina, as quais carecem do apoio e incentivo de todos aqueles que amam a genuína cultura vianense.

Ah! Quanto à anunciada "Festa do Bode", parece que nem chegou a ser realizada pela completa ausência de público. Ainda bem.

Maria do Socorro Silva Coelho 90 anos



Conduzida pelos netos, a aniversariante recebe os aplausos dos amigos e familiares

São poucos os viventes sobre a face da terra que conseguem chegar aos 90 anos com saúde e pleno vigor. Por isso, amigos e familiares de Maria do Socorro Silva Coelho reuniram-se, na noite do último 1º de junho, para comemorar o 90º aniversário desta vianense privilegiada pelas graças divinas. Neta do famoso Coronel Campelo e filha de Faraíldes/Zeferino Silva, a aniversariante teve direito a uma bonita festa realizada no "Espaço Mil", uma das casas de eventos mais prestigiadas de São Luís.

Entre os familiares presentes, além de noras, netos e dezenas de sobrinhos, destacavam-se os filhos Jaime e Carlos Augusto e os irmãos Aliete, Maria Teresa e Mairon (os dois últimos residentes no Rio de Janeiro e Natal, respectivamente). Por problemas de saúde, a irmã mais velha Suzete (hoje aos 94 anos), também residente no Rio, não pôde se deslocar até São Luís.

Viúva há 14 anos de João Francisco Gomes Coelho, D. Maria do Socorro é aposentada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, onde exerceu o cargo de Secretária Executiva durante mais de 20 anos.

EZIQUEL DE OLIVEIRA GOMES



FOTOS: ARQUIVO DA FAMÍLIA

Luiz Alexandre Raposo

Nascido no alvorecer do século passado, mais precisamente no dia 10 de abril de 1903, Ezequiel de Oliveira Gomes marcaria a história sociopolítica da cidade não apenas pelas duas gestões à frente da prefeitura de Viana, mas também como cidadão e pai de família.

Membro de uma família tradicionalmente voltada à política local, seu primeiro mandato ocorreu durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, quando a ditadura então reinante havia suspendido as eleições em todo o país. Ezequiel de Oliveira Gomes, filiado do partido Liberal (ou partido Rosa, como era conhecido em Viana), que apoiava o presidente Vargas, teve o seu nome escolhido pelo Interventor do Maranhão para dirigir o município por um período de cinco meses (7/08/1937 a 23/01/1938).

Em 1945, com o final da ditadura Vargas e o retorno da democracia ao Brasil, as eleições foram realizadas no final daquele mesmo ano, quando então Ezequiel de Oliveira Gomes, candidato pelo Partido Social Trabalhista (PST) retorna ao comando do poder municipal, desta vez eleito pela vontade popular, para administrar a cidade por cinco anos, isto é, de 01/01/1946 a 31/01/1951.

Não seria esta última e mais demorada gestão, entretanto, uma tarefa fácil. Colocar-se à frente de uma prefeitura sempre foi uma responsabilidade espinhosa, imagine-se numa época em que o país e o mundo todo atravessavam momentos difíceis: enquanto o Brasil tentava readaptar-se à democracia, após 15 anos consecutivos sob o regime ditatorial, o mundo civilizado vivia o período pós-guerra com



A viúva Maria José Pereira Gomes rodeada pelos nove filhos

a Europa devastada pelas bombas da II Guerra Mundial e consequentemente ainda sofrendo o colapso do comércio entre as nações, interrompido por quase cinco anos. Os prejuízos disso tudo se faziam sentir até mesmo em Viana, tão distante dos grandes centros comerciais.

Mesmo assim e contando com magros recursos financeiros, o novo prefeito soube enfrentar os desafios e dar a volta por cima. Entre suas principais obras destacam-se a construção do prédio do atual Hospital Dr. José Murad, em atendimento à antiga reivindicação da população; a Escola do Ciroula, considerada zona rural na época; a construção e inauguração da Usina de Energia Elétrica Dr. Castro Maia (onde hoje encontra-se a Cunaco Eventos) e

a abertura da estrada vicinal até o povoado do Capim, a fim de facilitar o escoamento da produção agrícola para a sede do município.

O prédio da atual Unidade de Ensino Estevam Carvalho também foi iniciado e quase concluído em sua administração. No entanto, provavelmente por dificuldades financeiras, somente foi inaugurado na gestão de seu sucessor, Luís Couto.

No seio da sociedade vianense, Ezequiel gozava de grande estima e admiração. Tinha muitos amigos e era um homem de bom nível cultural, apesar de possuir apenas o antigo curso primário. Cultivava o bom hábito da leitura, mantendo-se assim atualizado com o mundo, através de jornais e revistas. Na

família, soube educar os nove filhos sem apelar para os castigos físicos, tão comuns naquela época. Em vez de bater, preferia fazer uso do aconselhamento, quando exortava a honestidade, o bom caráter e mostrava seu exemplo pessoal de vida.

Ezequiel de Oliveira Gomes faleceu, em 27 de maio de 1978, aos 75 anos de idade. Era filho do casal Belarmino Nascimento Gomes e Maria Antonia Oliveira Gomes. Casado com Maria José Pereira Gomes deixou os seguintes filhos: Raimundo (Seu Dico), Oswaldo, Maria, Belarmino, Carlos, Zulmira, Darcy, Manoel e Sérgio. Destes seus descendentes já faleceram Seu Dico, Carlos e o general e ex-ocupante da Cadeira nº 14 da Academia Vianense de Letras, Oswaldo Pereira Gomes.



JOVENS MÉDICOS

Bisnetos do ex-prefeito Ezequiel de Oliveira Gomes, os irmãos Luiza Jaqueline, Jorge Luiz e Luiz Henrique, filhos de Milaid Gomes Costa e José Henrique Nicolau (empresário e dono do posto Luiza IV) decidiram abraçar a Medicina. Na foto, os três irmãos aparecem reunidos no dia do enlace matrimonial de Luiza com o funcionário público estadual, Antonio Berriel Júnior, realizado em São Luís, no último 27 de julho.

Jorge (à direita do casal) e Luiz Henrique

(à esquerda) estão trabalhando em Viana desde setembro do ano passado. Recém-formados pelo Uniceuma, enquanto aguardam o período da Residência Médica, os jovens médicos prestam serviços às comunidades carentes da cidade, das segundas às quartas-feiras. O primeiro atende no posto de saúde Beira Campo e o segundo assiste à população do bairro Mocambo.

Embora nascidos em São Luís, os dois novos profissionais da Medicina iniciam suas trajetórias em Viana da mesma forma que os primeiros médicos vianenses, a exemplo de Sálvio Mendonça, João Mohana e Antônio Hadade.

Já Luiza Jaqueline irá residir com o esposo na cidade de Marília (SP), onde pretende especializar-se em Psiquiatria.

PLANTIO DE ARROZ: ATIVIDADE DANOSA AO LAGO DE VIANA



Em virtude do fraco índice de chuvas em 2012, o baixíssimo volume hídrico acumulado pelo lago sofrerá perdas não apenas pela evaporação natural como pela absorção d'água dos arrozais, ficando assim mais sujeito às invasões das marés salobras nos próximos meses

José Raimundo Franco*

Nas minhas pesquisas e estudos das águas vianenses, percebi e deflagrei muitos impactos socioambientais de vários tipos e magnitudes. Nos últimos anos tenho me preocupado, em especial, com o cultivo de arroz no lago de Viana, prática de extremo risco não somente para o ambiente lacustre como igualmente perigosa para a saúde pública, além de provocar o colapso da subsistência das comunidades mais carentes. É, portanto, na qualidade de professor-pesquisador, de cidadão vianense e de profissional comprometido com minha formação, que registro aqui este apelo: o plantio de arroz no lago precisa ser cessado o mais rápido possível ou, pelo menos, que não seja plantado neste ano de 2012.

Com o objetivo de fundamentar tal apelo é que transcrevo a seguir, embora de forma sucinta, as conclusões das minhas pesquisas.

Laudo técnico-científico: Muito diferente e mesmo assim muito confundido com o arroz irrigado, o arroz de várzea consiste na lavragem dos solos das planícies de inundação de rios ou lagos de água-doce, que por sua natureza, concentram altos potenciais de nutrientes, renovados naturalmente pelos ciclos de cheias.

Embora a prática do cultivo de arroz nos lagos de reentrâncias da Baixada Maranhense se mostre bastante promissora para o aumento da produção agrícola e da promoção de novos postos de trabalhos temporários, esta atividade se faz tão danosa para o meio ambiente e tão ameaçadora para o bem-estar social, a ponto de superar os malefícios da pecuária bubalina ou de qualquer outra atividade.

Sobre o cultivo de arroz de várzea na Baixada Maranhense, estudos efetivados por Fernandes e outros pesquisadores, publicados em 2007, afirmam que... *provoca grandes danos ambientais, pois acelera o assoreamento de rios e lagos tendo impacto sobre diversas espécies da fauna e da flora*". No sistema lacustre vianense essa atividade pode

produzir efeitos mais drásticos ainda. Esta condição diferenciada se dá por conta de quatro fatores cruciais que caminham juntos:

1º) a proximidade das nossas águas-doces com o litoral: O que muitas pessoas não sabem é que Viana é um município costeiro. A influência marítima se dá fortemente em alguns povoados como Beira da Baixa, Guaratuba, Capim-Açú e outros. De forma mais branda, estes efeitos chegam pelos rios Pindaré e Maracú e trazem marés salobras para as adjacências de alguns povoados marginais aos cursos fluviais, como Cachoeira, Recanto e Santa Tereza. Isso acontece de maneira mais perceptível no período das secas, pela ação das marés que, encontrando um baixo nível de águas nos rios Pindaré, Maracú e lagos de Viana, trazem movi-

mentos de fluxo e refluxo para estas águas.

No município de Viana ocorreram algumas catástrofes naturais no século passado, quando as marés invadiram os rios e lagos vianenses e causaram impactos socioambientais em cadeia. Segundo Ezequias Cutrim (no livro sobre memórias de Itans), a última e mais drástica delas ocorreu entre os anos de 1981 e 1982, quando o enfraquecimento das águas doces, que sobram da seca rigorosa, não foram suficientes para conter a devastadora força das águas impulsionadas pelo oceano Atlântico.

2º) pela perda potencial de água-doce durante a permanência dos arrozais no ambiente lacustre: Outro fator crucial, e que muitos desconhecem, é que o arroz tem uma capacidade



Utilização de máquina beneficiadora na produção do arroz

exorbitante de absorver água ou seja, sua capacidade de sugar a água dos ambientes é considerada crítica e também superior a qualquer outra cultura agrícola, conforme mostram pesquisas do Laboratório de Hidráulica e Irrigação da Universidade Federal do Ceará.

Essa diminuição gradual de água imposta aos lagos vianenses, os quais precisam manter seus níveis fluviométricos compatíveis com as forças das marés, torna-se um tanto perigoso diante dos fluxos delas. Particularmente neste ano de 2012, o perigo se torna ainda mais ameaçador por conta do fraco índice de chuvas observado e consequentemente do menor volume de água acolhido pelo lago. Assim, desta rasa lâmina d’água acumulada deverá ser subtraído o fluxo que será evaporado até o final das estiagens e mais o quantitativo que será absorvido pelas culturas do arroz. É desse modo que, neste próximo período seco, possivelmente nosso ambiente lacustre estará muito mais susceptível às invasões de marés salobras com seus lastros de prejuízos à flora e fauna locais.

3º) pelo crescente e cumulativo fluxo de material entulhado no assoalho dos lagos: Quando qualquer material é jogado nas



Palhas e raízes acumuladas aceleram o assoreamento do lago

águas pode ser dissolvido e transformado em matéria orgânica ou transportado para o leito dos rios e assoalhos dos lagos. Nos dois últimos processos, o material acaba compondo o enorme corpo de entulhos que gradativamente assoreia o fundo dos lagos.

As raízes e palhas dos arrozais deixadas nas margens, após cada colheita, são novos incrementos deste material de assoreamento, diminuindo dessa forma a capacidade de armazenamento d’água do lago, porque os sedimentos ali acumulados vão tomando esse espaço reservatório.

Em atividade de campo realizada em 2011, presenciei pescadores com dificuldades de tráfegar com canoas por longos trechos do lago. Em depoimentos, os pescadores declararam

que nos últimos cinco anos sentiram os efeitos dessa atividade danosa, pois a cada ano a redução do calado de navegação é evidentemente notada por eles.

4º) a instabilidade climática dos últimos anos: Em 2009, observou-se a maior cheia deste século. Antes disso aconteceram cheias mais rigorosas como as de 1964 e 1977. Em estimativa feita junto aos pescadores e com medições de alguns pontos utilizados como indexadores da subida dos níveis das águas, constatou-se que, em 2009, os lagos atingiram uma média de 0,60 metro a mais daquelas atingidas nos últimos anos.

Ao contrário, 2012 foi um ano atípico, diferente de qualquer outro. Os pescadores afirmaram nunca terem testemunhado ne-

nhum ciclo parecido. Medições feitas pela equipe de trabalho da VAL (Voluntários Ambientais dos Lagos de Viana) no pico das cheias deste ano (1ª quinzena de maio) mostraram que as águas deixaram de subir a uma média que vai de 1,80 a 2,20 metros.

É baseado, portanto, nestas conclusões, que faço este alerta aos agricultores, às autoridades vianenses e toda a população local: o plantio de arroz no lago precisa parar imediatamente. Caso isso não ocorra, provavelmente o lago de Viana sofrerá, neste ano de 2012, as consequências drásticas das invasões da água marinha em proporções nunca antes observada.

**Geógrafo e Mestre em Sustentabilidade de Ecossistemas*



Croqui da configuração dos sistemas associados ao Sistema Lacustre Vianense – Oceano atlântico – Bahia de São Marcos (Golfão Maranhense) – rio Mearim – rio Pindaré – Lagos de Reentrâncias – Sistema Lacustre Vianense. Fonte: Adaptado de Google Earth in Franco (2008)

Culturas	Consumo de água	
	(m³/ha/ano*)	referência
abacaxi	4.003	ótima
manga	4.003	ótima
acerola	4.613	ótima
goiaba	4.613	ótima
graviola	4.613	ótima
limão	4.613	ótima
tangerina	4.613	ótima
uva	4.918	ótima

Culturas	Consumo de água	
	(m³/ha/ano*)	referência
melão	8.000	crítica
soja	8.000	crítica
mamão	8.396	crítica
banana	11.762	crítica
algodão	12.000	crítica
cana-de-açúcar	15.590	crítica
milho	16.880	crítica
arroz	21.000	crítica

Capacidade de sucção de água dos ambientes pela cultura do arroz comparativamente a outras culturas



Configuração da variação dos ciclos das cheias na antiga praia:
A – Nível das águas em 2007 considerado normal;
B – Nível das águas em 2009 considerado uma cheia rigorosa;
C – Configuração da cheia de 2012, considerada precária.
Fonte: Arquivos - Voluntários Ambientais do Lago de Viana

LUÍS CARLOS PEREIRA

Um mestre da Literatura e do Português

José Ribamar d'Oliveira Costa Júnior

A história do magistério vianense é rica em exemplos de homens e mulheres que se entregaram de corpo e alma à árdua e sublime missão de educar as novas gerações. Por falta de registro e preocupação com a preservação da memória local, lamentavelmente muitos desses nomes perderam-se na poeira do tempo. Assim, para que mais um desses exemplos não seja injustamente esquecido, tenta-se resgatar aqui um pouco da história de vida e luta profissional de um professor que muito trabalhou pela educação e cultura desta cidade.

Luís Carlos Pereira nasceu no dia 20 de setembro de 1930, no distrito Retiro, município de Viana, sendo o quinto dos seis filhos do casal Antonio dos Santos Pereira e Brígida de Castro Pereira, proprietários de um engenho de cana-de-açúcar naquela localidade.

Apesar de ter nascido e vivido toda a infância na zona rural, nos idos da década de 30 do século passado, desde muito cedo o menino demonstrou sua forte inclinação para os estudos. Percebendo o alto índice de analfabetismo entre a população de sua pequena comunidade, ainda muito jovem iniciou-se de forma rudimentar no magistério, ministrando aulas aos moradores do Retiro. Na pré-adolescência, para poder prosseguir nos estudos, foi encaminhado pelos pais para a sede de Viana, quando se tornou hóspede do Sr. João Cordeiro, conhecido comerciante local.

Histórico Escolar: Matriculado no Estevam Carvalho, mostrou-se um aluno aplicado perante os professores. No entanto, entre os colegas, logo ganhou fama de “briguento”, principalmente nas partidas de futebol, praticado à tardinha nos campos de tesos que circundam a cidade.

Concluído o antigo primário e sempre em busca do saber, o jovem aceitou o auxílio do padre Manoel Arouche para ingressar no Seminário Santo Antônio, em São Luís. Ali também mostrou seus dotes intelectuais, mas seu temperamento irrequieto o fez desistir dos estudos cinco anos depois. No final de 1951, arrependido, desculpou-se com o padre Manoel e retornou ao seminário, no ano seguinte, para concluir finalmente o curso de Humanidades.

A família e o magistério: Por esse tempo, já de namoro firme com uma conterrânea, Luís Carlos optou em não ingressar no Seminário Maior da capital da Paraíba, itinerário obrigatório para aqueles que desejavam abraçar o sacerdócio. Assim, em maio de 1953, aos 22 anos, o ex-seminarista casou-se com a vianense Maria de Nazaré Pinto, com a qual teve cinco filhos: Luís Antonio, Luzimar, Ribamar, Luís Carlos Filho e Aparecida.



Depois de abraçar definitivamente o magistério e submeter-se ao curso de aperfeiçoamento pelo CADS, Luís Carlos Pereira foi nomeado Inspetor da Educação do Estado, cargo exercido por alguns anos na cidade de Morros. Em 1965, conseguiu transferir-se para Viana, onde passou a lecionar no antigo Ginásio Antônio Lopes e logo depois na então recém-fundada Escola Normal N. S. da Conceição. Também criou um curso de preparação ao exame de admissão, o qual funcionava no prédio do Estevam Carvalho, no período noturno.

Amante das letras: Luís Carlos Pereira era apaixonado pela boa literatura e um ferrenho defensor da língua portuguesa, disciplinas com as quais se notabilizaria no magistério de sua cidade natal. Como admirador incondicional de grandes expoentes da literatura brasileira, a exemplo do romancista Machado de Assis e do poeta Olavo Bilac, procurava despertar a sensibilidade dos alunos pela poesia e o entusiasmo pela leitura dos clássicos nacionais.

Além das aulas teóricas, o professor Luís Carlos também in-

centivava os alunos na prática da redação, fosse em sala de aula ou através da criação de pequenos periódicos estudantis. “A Voz de Viana” foi um desses jornais mimeografados que ele ajudou a fundar e do qual era o principal redator. Na Escola Normal igualmente tornou-se redator-chefe do “Estrela Radiante”, veículo de comunicação criado para irradiar a cultura e as ideias dos futuros professores, conforme editorial estampado em sua primeira edição.

Ginásio Comercial: Com a chegada do Ginásio Bandeirante à cidade, tornar-se-ia igualmente professor deste novo estabelecimento de ensino. Foi por essa época que ele fundou o Ginásio Comercial de Viana (que funcionava à noite, no mesmo prédio do Bandeirante), a fim de possibilitar a continuação dos estudos àqueles que trabalhavam durante o dia, como João Barros, Terezinha Cutrim, Juarez Mendonça Cutrim (Vavá), Nonato Lopes e a falecida ex-primeira dama do município, Vanice Barros. Entretanto, por dificuldades para sua regularização junto ao MEC, a escola acabou sendo incorporada pelo Ginásio Bandeirante, aproximadamente dois anos depois. Até hoje alguns de seus ex-alunos ainda lembram o hino da escola, composto por ele, cujo refrão dizia: *Bandeirante, Bandeirante/Desfraldai vosso brasão/Estandarte de luz e de esperança/Para a grandeza do Maranhão...*

O professor Luís Carlos estudava bastante, tinha veia poética e falava um português correto e elegante. Em conversas informais, de forma delicada, costumava corrigir os deslizes dos seus interlocutores. Demonstrava ainda acentuado interesse pelo folclore vianense, promovendo brincadeiras de bumba-meu-boi com os alunos, no período junino.

Saúde frágil: De estatura alta para os padrões da época, Luís Carlos Pereira não gozava, entretanto, de boa saúde. Em 1978, já bastante enfraquecido por um desgaste físico e emocional, acumulado nos últimos anos, o professor foi internado na Clínica *La Ravardiere*, em São Luís, aonde faleceu de forma trágica, no dia 19 de outubro daquele ano, aos 48 anos de idade.

Atualmente, em sua homenagem existe uma pequena escola com o seu nome no bairro de Fátima, enquanto na Academia Vianense de Letras o destacado professor tem alta cotação para patronear, em breve, uma das cadeiras restantes deste sodalício.



O professor Luís Carlos Pereira, a diretora da Escola Normal, Rosa Maria Pinheiro Gomes, a aluna Delci Martins, Irmã Maria, as professoras Conceição Perna Mendonça e Celeste Carvalho e a aluna Norma Zenni

ASSINATURA ANUAL DO RENASCEER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem **renovar a assinatura**, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).



CORDEIRO DE DEUS

Lourival Serejo

Guardo na memória uma cena comovente que teve o padre Cordeiro como protagonista. Eu estava na casa dos seus pais, em Viana, no velório da sua mãe, dona Vitória, quando ele chegou num Jipe, vindo de Penalva. Todos ficaram parados naquele solene momento do encontro do filho com a mãe falecida. Ele entrou apressado, curvou-se sobre o caixão e sentou-se ao lado, com a cabeça baixa, apoiada por uma mão, num profundo silêncio que ninguém ousou interromper.

Foi essa a primeira lembrança que me veio à mente, ao saber da morte de padre Cordeiro, dez dias depois da sua ocorrência. Lembrei-me também de padre Eider e do, então, padre Heitor, que formavam o grupo dos nossos três mosqueteiros da Igreja que muito trabalharam pela Baixada Maranhense, em prol da educação e da evangelização daquele povo.

Padre Wilson Nunes Cordeiro, falecido no dia 14 de junho passado, era filho de Álvaro Lopes Cordeiro e Vitória Nunes Cordeiro. Tinha como irmãos Teresa Cordeiro Furtado, Filomena Cordeiro Silva e Josefina Cordeiro Cutrim, todas pessoas conhecidas em Viana, com destaque para a professora Josefina que, com seu dinamismo particular, dirigiu o ginásio Professor Antônio Lopes por muitos anos e de quem mantenho saudosos lembranças como minha professora de Português.

Ao falecer, padre Cordeiro tinha 90 anos de idade, pois havia nascido em 28 de abril de 1922. Mesmo tendo ocorrido seu nascimento em Matinha, era considerado vianense para todos os efeitos, uma vez que, naquela data, o referido município ainda não se havia emancipado de Viana. Trata-se da mesma situação de Astolfo Serra, também padre.

Há muitos anos, fiz uma longa entrevista com padre Cordeiro para ouvir o relato de sua vida sacerdotal. Naquela oportunidade, devidamente gravada, ele me falou sobre as dificuldades da sua família, do trabalho do seu pai e da ajuda e estímulo que recebeu do



Em foto de 1950, o então seminarista Wilson Cordeiro

monsenhor Arouche para tornar-se sacerdote, o que se tornou realidade em 1952, ano da sua ordenação.

A vida sacerdotal de padre Cordeiro centralizou-se na cidade de Penalva, apesar de ter passado por outras paróquias, inclusive em Teresina, antes de ali se fixar. Por algum tempo, teve oportunidade de trabalhar em Viana, como vigário cooperador, ao lado do monsenhor Arouche, a quem muito admirava.

Desde 19 de março de 1960, quan-

LUIZALEXANDRE



Com padre Eider, quando da entrega da imagem de São Bonifácio (2007)



Padre Cordeiro na procissão lacustre de N. S. de Nazaré (1962)

do chegou em Penalva para assumir a paróquia, ele residiu naquela cidade. Essa dedicação àquele povo foi comprovada pela escolha que fez de ser sepultado ali, precisamente na igreja que ele construiu e ao lado do seu fiel rebanho, que conduziu como pastor por cinco décadas.

Tive mais contato com padre Cordeiro quando dom Hélio Campos era bispo da Diocese de Viana. Juntamente com Eider, formavam uma tríade que estava sempre junta, entusiasmados

pelos projetos de libertação do povo da Baixada. Acompanhei-os em uma viagem à Fortaleza, tendo oportunidade de conhecer melhor o lado descontraído daquele padre, que até me serviu de orientador naquela capital, até então desconhecida para mim.

Ao contrário da imagem dócil e conselheira revelada pela maioria dos sacerdotes, padre Cordeiro era um destemido homem de batina, impondo respeito e ordem aonde chegava. Sempre disposto, era comum vê-lo dirigindo um Jipe, veículo apropriado para sua personalidade ativa e desembaraçada.

O compromisso com a verdade e a autenticidade fazia do padre Cordeiro um líder carismático, despertando nas pessoas que conviviam com seu sacerdócio a fé e a ética do cristão comprometido com o próximo.

Como professor, Cordeiro dedicou-se por muito tempo ao ensino no Colégio do Padre, em benefício da educação de uma geração de vianenses.

No rol de amigos do padre Cordeiro, destacava-se dom José de Medeiros Delgado, arcebispo de São Luís, o qual, em suas memórias, relembra o amigo, em passagens como esta, escrita por ocasião dos seus 25 anos de ordenação, a qual vale a pena transcrever:

A você, padre Cordeiro, a quem ordenei sacerdote em 1952, a quem depois de sacras tarefas ministeriais em que se conduziu com tanto zelo, também nomeei vigário de Penalva, em 1960, com a minha estima e admiração estou também prestando o preito de justiça, não lhe vim fazer um favor.

Fomos companheiros de visitas pastorais, estivemos em perigo de morrer numa tempestade no Lago de Penalva, no Maranhão do meu tempo você foi não apenas um colaborador, mas um amigo dedicado, digno de uma estima que hei de cultivar até a eternidade. (Memórias da graça divina. São Paulo: Loyola, p. 94).

Ao lado de Eider, padre Cordeiro merece ser lembrado como um pároco que veio, não para pregar o conformismo piedoso, mas para espalhar o sal na terra, aquele sal de que nos fala Jesus pelo Evangelho de São Mateus: *Vós sois o sal da terra* (Mt. 5, 13).

Reminiscências do Sobrado Amarelo

José Mendes Pinheiro Filho (Pinheirinho)*

☑ No tempo do meu pai, José Pinheiro, a **Fábrica Santa Maria** era composta por uma maquina *Zacharias* de beneficiar arroz (antes havia um pilador comum e pequeno), um motor horizontal de um cilindro da marca *OTTO*, um moinho de café, uma máquina de descarçar algodão, uma prensa de algodão e uma serra de disco para cortar madeira.



☑ Além do comércio e 14 depósitos que serviam para armazenar babaçu, arroz, tucum e farinha, tinha também uma salga onde eram colocados os couros de bois em sal grosso. Toda essa carga era enviada para a firma A.O. Gaspar, em São Luís.

Na loja, trabalhavam com papai: minha mãe, Laura Mohana Pinheiro, Agripino, Zé Gato, Ariovaldo e Delfinzinho. Nos depósitos e corredor para receber os gêneros trabalhavam: Deco, Seu Dutra, Raimundão, Chico Purga, Chico de Raimundo Cândido, Sérgio e Martinho. No motor da usina de beneficiar arroz: Seu Vieira, Seu Mendes, Zé Silva, Cidreira, e às vezes o popular Palestra.

☑ Torrado por Seu Mendes, o **Café Pinheiro**, que se tornou famoso na cidade, tinha o seguinte *slogan* “De janeiro a janeiro, tome Café Pinheiro. O príncipe brasileiro”. Eu e meu irmão Miguel ajudávamos na venda, depois de pesar e ensacar o produto torrado na hora e ainda quentinho.

☑ Os chafres dos três caminhões (**Zeduarde II, Fargo e Ford**) eram Baduca, Eduardo, Palestra, João Barroada e Fura-Coco. Naquela época, como ainda não havia a chave para dar a partida nos motores dos veículos, eles precisavam usar uma manivela.

MIGUEL MOHANA



Pinheirinho, o irmão Tony Mohana e filhos em visita às ruínas do sobrado

☑ As lanchas de papai que faziam o transporte de passageiros e mercadorias para a capital tinham como mestres Raimundo Oliveira na **JP**; Marister na **JL** e Juvêncio na **Estrela Astreia**.

Para o perfeito fluxo desse comércio, o trabalho dos carroceiros vianenses eram imprescindíveis, pois eram eles que transportavam os sacos de babaçu, arroz e outros gêneros para o embarque no porto, no período do verão. Ainda lembro os nomes de alguns deles, como por exemplo Corrêa, Estêvão Cujuba, Euzébio Carreiro, Oficial, Pedro Mendengo e João de Marculina.

No inverno, as lanchas de papai entravam no lago e vinham ancorar na calçada dos fundos do sobrado, que dava para o campo e por isso mesmo era bastante alta. No verão, aproveitávamos a altura dessa mesma calçada para montar nos cavalos e passear pelos campos.

☑ Ao lado da salga, que ficava no quintal, perto do galinheiro, existiam as eiras, onde era colocado o arroz para secar ao sol. Eu e Miguel costumávamos ficar ali muito tempo, vigiando para espantar passarinhos e pombos que vinham comer o arroz. Na beira do campo, perto da salga e do poço da casa, havia uma horta que mamãe cultivava, auxiliada por Conceição e João da Cruz (negro feio, mas muito trabalhador e honesto, pelo qual eu tinha a maior estima e hoje guardo dele uma grande saudade). Nessa horta, mamãe plantava tomate e pimentão. O tomate era de massa, um tipo bem graúdo e muito saboroso, que era vendido em Viana e transportado para ser comercializado também em São Luís.

• Desde 1958, nós já tínhamos água encanada que nos dava o conforto do banho de chuveiro, sanitário com descarga e torneira no jirau de lavar louças. Tudo feito mediante

um tonel de 200 litros, abastecido com água do poço que era bombeada manualmente. Quando a bomba quebrava, o jeito era abastecer o depósito com água carregada em latas de vinte litros (latas do Querosene Jacaré, também comercializado na loja). Era o já citado João da Cruz que fazia todo esse trabalho, subindo pela escada da varandinha do sobrado com a lata na cabeça até encher o tonel.

☑ Mamãe fazia e vendia picolés de bacuri, cupu, leite com passas, maracujá e morango. Eram feitos na geladeira Electrolux, a querosene, que ficava na varanda do andar superior. Era ali também que os fregueses saboreavam os picolés, enquanto desfrutavam daquela maravilhosa vista para o campo verde, durante o verão, ou para a imensidão das águas do lago, durante o período do inverno. Os picolés, apreciados na cidade por serem muito gostosos, eram servidos em copos de alumínio que brilhavam à luz do sol. Vendia-se, em média, de 30 a 40 picolés por dia. O dinheiro arrecadado não entrava nas despesas da casa, mas era separado por mamãe como investimento para compra de mercadorias em São Luís, as quais eram estocadas e comercializadas na Casa Mohana.

☑ Tivemos várias empregadas domésticas. A primeira foi Conceição que chegou lá em casa antes do meu nascimento. Depois vieram Antoninha, Maria de Milindrino, Auta, Tia Satira, Laura de Coraci, Tolentina, Firmina e Isabel. As duas últimas foram Joana e Maria, que vieram conosco para São Luís em 1967, quando nos mudamos de Viana.

☑ Lembro-me bem de vovô Delfim que vinha todo dia, pela manhã, tomar café lá em casa. Ele chegava num cavalo branco e bonito de crinas enfeitadas. Papai ia buscá-lo na porta, onde conversavam um pouco e depois subiam ao encontro de mamãe que já estava à espera dos dois com a mesa posta. Vovô sempre brincava comigo, Miguel e Maria

Laura, a quem chamava de “minha princesa”. Acho que ele não chegou a conhecer Maria Cândida, a quarta dos seis irmãos.

☑ Nossas refeições eram sempre feitas na varanda. Após o jantar, todos nós nos reuníamos em volta da rede de papai e da cadeira preguiçosa de mamãe para rezarmos o terço. Depois disso, papai descia para a loja e trabalhava até às 23 horas, quando então subia para se recolher.

☑ Papai acordava todos os dias às 5:30hs e logo descia para a loja, a fim de preparar as correspondências para São Luís. A maioria de suas cartas eram endereçadas aos fornecedores ou dando instruções a Seu Martiniano, o responsável pelo depósito da Rua do Desterro nº 105, local do armazenamento das mercadorias que iam ou vinham de Viana em suas lanchas. Por último, ele nos entregava a relação com os nomes dos três passageiros que haviam adquirido as passagens de avião. Eu e Miguel íamos, então, para o Campo de Aviação esperar os monomotores do Táxi Aéreo Aliança para entregar ao piloto a relação dos passageiros com o dinheiro das passagens e a correspondência de papai para São Luís. Os pilotos dos teco-tecos eram Diegues, Gaudêncio, Pedrada e Edmilson.

Cumpridas nossas tarefas matinais, retornávamos para trocar de roupa e ir para a Escola Paroquial Dom José Delgado, o famoso Colégio do Padre, na Praça da Matriz, onde estudávamos pela manhã.



(*) José Mendes Pinheiro Filho reside atualmente em Natal (RN), onde é funcionário aposentado da UFRN.

**O RENASCER
VIANENSE**



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana – MA CEP: 65.215-000